

SÍMBOLOS, SENTIDOS E SOCIEDADE EM BELÉM: EDUCAÇÃO INFORMAL E DIGITAL NO PROCESSO EDUCATIVO DE UMA EXPOSIÇÃO PÓS-PANDÊMICA

*SYMBOLS, SENSES AND SOCIETY IN BELÉM: INFORMAL AND DIGITAL EDUCATION
IN THE EDUCATIONAL PROCESS OF A POST-PANDEMIC EXHIBITION*

Me. Camila Ferreira Araújo Freire¹

28

Resumo: Este artigo apresenta a Exposição Símbolos, Sentidos e Sociedade em Belém e traz reflexões sobre sua criação em meio ao contexto pandêmico de 2021. O foco principal da discussão é voltado ao educativo da exposição, tanto no processo de produção, quanto no processo de pós-produção, voltado ao público, momentos que foram tangenciados pelo viés da educação informal e digital. Para análise, há a contextualização do cenário pandêmico do ano de 2020, no qual se discute a importância da criação da Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, sendo possível acompanhar, etapa a etapa, como este apoio financeiro viabilizou o desenvolvimento da SSSB e como esta exposição se desdobrou em mediações culturais digitais, permitindo assim o aprofundamento de conceitos sobre Cultura, Economia Criativa, Patrimônio Cultural e Criação de Portfólio.

Palavras-chave: Educação Informal e Digital; pandemia; Lei Aldir Blanc; Artes Visuais; Belém.

Abstract: This paper presents the exhibition “Symbols, Senses and Society in Belém” (SSSB) and reflects on its creation in the midst of the 2021 pandemic context. The main focus of the discussion is on the educational aspect of the exhibition, both in the production and post-production process, moments that were shaped through the bias of informal and digital education. For the analysis, there is a contextualization of the pandemic scenario in 2020, in which the importance of the creation of the Aldir Blanc Cultural Emergency Act is discussed, making it possible to follow the steps of how this financial support made the development of SSSB possible and how this exhibition unfolded in digital cultural mediations, thus allowing the deepening of concepts about Culture, Creative Economy, Cultural Heritage and Portfolio Creation.

Keywords: Informal and Digital Education; pandemic; Aldir Blanc Act; Visual arts; Belem.

¹ Doutoranda pelo PPGArtes/UFPA. Mestra em História, Crítica e Educação em Artes pelo Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGArtes/UFPA). Realiza pesquisa em Artes Visuais, Curadoria, Mediação Cultural e Educação Popular. Professora efetiva de Artes Visuais no município de Ananindeua. Graduada Artes Visuais (LIC/BACH), pela Universidade Federal do Pará (ICA/UFPA). Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (2014-2015), bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (2013-2014) e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (2011-2012).

SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.13,n.1,p.28-41,jan/jul. 2023.

Considerações Iniciais

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu alerta de um surto de pneumonia na cidade de Wuhan, localizada na província de Hubei, China. Tal evento foi acompanhado de maneira atenta e cautelosa pelas autoridades sanitárias, visto que a doença era causada por um novo tipo de vírus, que, apesar de enquadrar-se na família dos coronavírus, ainda não havia sido identificado em humanos (G1, 2020b).

Por se tratar de um vírus, sua disseminação ocorria pelo ar, o que tornava sua transmissão potencialmente elevada, fato que se demonstrou real com o avanço rápido da doença. O vírus saiu da China e alastrou-se pela Europa em um mês, obrigando a OMS a declarar pandemia mundial em 11 de março de 2020 (MOREIRA; PINHEIRO, 2020). Para a doença causada pelo novo coronavírus deu-se o nome de COVID-19, tendo seu primeiro caso identificado no Brasil dia 26 de fevereiro de 2020, logo após centenas de turistas estrangeiros visitarem o país para as comemorações do carnaval (G1, 2020a).

Com características comuns a resfriados, os primeiros sintomas foram facilmente confundidos com outros tipos de gripes, levando a população e as autoridades brasileiras a tratarem a doença de maneira pouco atenciosa, facilitando, assim, um alto índice de contaminação no país. Infelizmente, naquele ano, vimos que a pandemia evoluía para sintomas respiratórios gravíssimos que levaram à morte 1,2 milhões de pessoas no mundo (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2021).

Vimos, atônitos, o vírus se espalhar em todos os continentes. As mortes aconteciam rapidamente após o início dos sintomas, e o colapso dos sistemas de saúde do mundo era divulgado em tempo real pelas mídias sociais e pela televisão. Pela TV, víamos todos os países do mundo entrando em quarentena; víamos a economia global parar e enxergávamos, como nunca, a desigualdade socioeconômica global. No Brasil, o número de pessoas em quarentena não chegou a 50% da população, dado que escancarou a desigualdade social no país e que não permitia que a maior parte da população pudesse ficar em casa para evitar a disseminação do vírus, pois, para a maioria da população brasileira, ficar em casa era o mesmo que morrer de fome (SENECHAL, 2020).

Foi também pela TV que vimos o presidente em exercício neste contexto de 2020 gerenciar a pandemia com deboche e descaso. Em diversas situações o seu comportamento esdrúxulo e criminoso minimizou a criticidade da pandemia, resultando em

demoras para implementar políticas de saúde pública e econômicas que viabilizassem a sobrevivência da população, principalmente da população mais vulnerável, a qual foi penalizada tanto pelo vírus como pelas ideologias atroztes do presidente (FIOCRUZ, 2020).

Fomos obrigados a reestruturar nossas práticas sociais, culturais e educativas, tudo o que nos era sólido a pandemia desmanchou no ar. Vimos nossas certezas e estruturas serem desfeitas e darem lugar a incertezas que exigiam soluções digitais que ainda não tínhamos, ou, se tínhamos, não sabíamos usar. Ainda não conseguimos dimensionar o aceleração da transformação digital que a pandemia nos gerou, mas uma coisa podemos perceber com clareza, todos nós fomos obrigados a operar em um contexto digital. Isto aconteceu em todas as dimensões da sociedade, seja no poder público que teve que criar ferramentas digitais para distribuir renda para a população e continuar a movimentar o mercado, seja no mercado de trabalho que descobriu muita produtividade e economia no modelo home office, ou ainda em nosso modelo educacional que teve que buscar soluções para continuar a existir pelo viés digital, que sempre foi motivo de desconfiança.

A pandemia fez com que tivéssemos acesso a outra gama de informações e, com uma boa triagem, muito poderia ser usado para contribuir com nossa formação educativa. E é olhando para isto que desejamos pensar o digital como um caminho a ser discutido, principalmente quando relacionado à educação informal. Segundo Brandão (2007), a educação informal é uma educação que se materializa pela “socialização com o meio”, sendo este meio em primeira instância a família e os amigos, e posteriormente a rua, os lugares de lazer, os livros, as músicas e as artes, ou seja, as experiências proporcionadas de maneira individual ou coletiva.

Assim, no contexto pandêmico e pós-pandêmico que vivenciamos nos anos de 2020-2021, que foi fortemente marcado pelo distanciamento social, o digital passou a ser também mais um local de educação informal. Levy e Lauthier (1995) apontaram ainda nos anos de 1990, no começo da popularização dos computadores e da Internet, que não existe conhecimento que não possa ser transmitido, já que todos têm algo para compartilhar.

Acrescentaríamos, de maneira crítica, à ideia dos autores, que a palavra conhecimento seria, muitas vezes, confundida por informação. É oportuno lembrar o conceito de informação e o conceito de conhecimento, antes de adentrarmos mais profundamente em um debate sobre educação: a informação é o acesso a dados sobre um determinado assunto, e conhecimento é a compreensão advinda da experiência (BONDÍA, SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.13,n.1,p.28-41,jan/jul. 2023).

2002). Desse modo, não podemos deixar de lembrar também da crítica de Bondía (2002, p. 21) ao afirmar, de maneira categórica, que “a informação não é experiência, a informação é quase uma antiexperiência” (ver também Benjamin, 1933).

Assim, pensar no contexto educativo, principalmente quando observamos o mundo por uma ferramenta digital, é analisar como a informação pode vir a se tornar conhecimento. A pandemia nos limitou a experiência, desse modo, adentrar no contexto educativo informal e digital é encarar uma linha muito tênue entre informação e conhecimento, e dedicar algum tempo para pensar sobre isso foi um forte marcador para analisar qual seria o papel da Exposição Símbolos, Sentidos e Sociedade em Belém (SSSB).

A criação da SSSB

O ano de 2020 trouxe inúmeros debates sociais e políticos sobre desigualdades que escolhiam quem podia ou não ficar em quarentena. Vimos que no Brasil pelo menos a metade da população não teve o privilégio de escolher entrar de quarentena ou não. Isto gerou inúmeros embates políticos para que ações emergenciais fossem viabilizadas para diminuir os impactos sociais e econômicos no país. Uma delas foi a Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural, que se materializou por meio de recursos orçados no valor de R\$ 3 bilhões de reais destinados a Estados, municípios e ao Distrito Federal. Tal recurso ficou sob a gerência dos entes federados que tinham como compromisso destinar o recurso à manutenção de espaços culturais, pagamento de três parcelas de uma renda emergencial a trabalhadores do setor que tiveram suas atividades interrompidas e instrumentos como editais e chamadas públicas, sendo este o contexto que financiou a realização da exposição “Símbolos, Sentidos e Sociedade em Belém”.

No Pará, os editais viabilizados pelos recursos da Lei Aldir Blanc foram divididos para atender diversas linguagens e segmentos culturais, alguns dos editais foram executados pela própria Secretaria de Cultura – SECULT-PA; e para outros editais, a SECULT/PA formalizou parceria com entes da sociedade civil local – Movimento de Emaús, Fotoativa e Academia Paraense de Música, os quais ficaram responsáveis por executar os respectivos editais, atribuindo a diferentes comissões a responsabilidade de analisar as inscrições e avaliar os habilitados com intuito de selecionar conforme os critérios estabelecidos.

Para o edital de Artes Visuais foram destinados 110 prêmios, que somaram aproximadamente 1.6 milhões de reais, os quais foram divididos nas seguintes modalidades: Projeto em Artes Visuais I (10 prêmios de R\$ 50 mil); Projeto em Artes Visuais II (20 prêmios de R\$ 25 mil); Bolsa de Pesquisa e Experimentação I - Artistas / Coletivos (30 prêmios de R\$ 10 mil); Bolsa de Pesquisa e Experimentação II - Artistas em Início de Carreira (40 prêmios de R\$ 5 mil); e Prêmio Reconhecimento em Artes Visuais (10 prêmios de R\$ 10 mil) (SIQUEIRA, 2020).

A SSSB, neste sentido, foi uma proposta expositiva idealizada pelo pesquisador e artista visual Danilo Pontes, sendo contemplada em 2021 pela Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural – PA, dentro da Bolsa de Pesquisa e Experimentação I. A exposição tinha como proposta fazer um estudo dos símbolos universais presentes no imaginário popular local da cidade de Belém e transpor isso para pinturas acrílicas sobre tela. Para tanto, Danilo dialogava com os teóricos norteadores João de Jesus Paes Loureiro, Theodor Adorno, Gilbert Durand, Marcel Mauss, como referências bibliográficas importantes para caminhar entre o imaginário, o mito e os símbolos com a perspectiva de se relacionar com a realidade e explicá-la, principalmente, no cenário pandêmico que vivenciávamos.

A Lei Aldir Blanc tinha como prerrogativa obrigatória a realização de duas atividades educativas, gratuitas, voltadas a escolas, espaços públicos e/ou comunidades. Para viabilizar o processo educativo, o idealizador da exposição nos convidou para criar estratégias de viabilização dessas atividades, fato que seria bastante corriqueiro se não estivéssemos inseridos em um contexto pandêmico, que nos obrigava a adotar um formato digital. Motivadas pelas pesquisas que nós estávamos desenvolvendo naquele momento, escolhemos trabalhar este processo educativo de maneira global dentro da exposição, isto significava criar estratégias de educação que atravessassem todas as etapas da produção, oportunizando assim a prática da educação informal e a análise de seu formato digital e on-line.

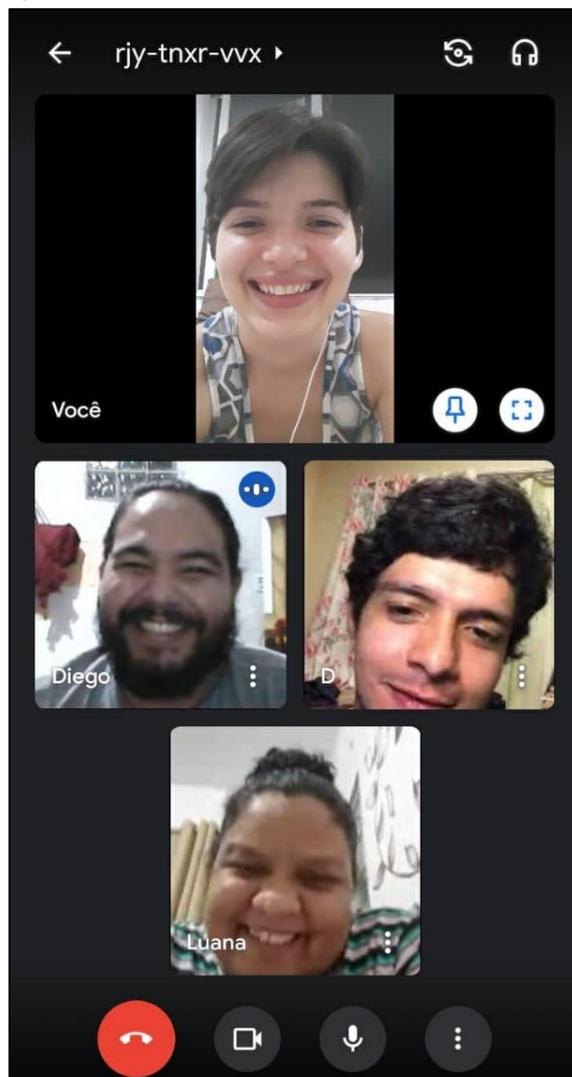
O time de artistas foi formado, após seleção, por Carla Duncan, Luana Brown e Diego Barata, que se uniram a Danilo para realizar os trabalhos que iriam materializar a exposição. É importante pontuar que a SSSB foi literalmente construída etapa a etapa, ou seja, não existiam obras já prontas, tínhamos somente a concepção inicial do idealizar que precisava ser disseminada aos demais integrantes que iriam participar da exposição, este fator foi

determinante para que o processo educativo da exposição tivesse uma maior representação dentro do contexto geral.

Processos Educativos Informais e Digitais

A primeira reunião realizada teve a intenção de nos conhecermos melhor e conversar sobre a proposta expositiva. Este momento foi oportuno para que o conteúdo teórico que embasava o tema da exposição se tornasse mais fluido entre todos, visto que conceitos sobre imaginário, símbolos e sociedade estão muito ligados ao meio acadêmico, o que, naquele momento, tornava a compreensão complicada para os que não estavam em contato direto com as áreas voltadas a esses estudos. Assim, para que os temas se tornassem comuns a todos, propusemos duas reuniões on-line, conforme mostra a FIG. 1, para debatermos os conceitos, compreendermos o que eles representavam para nós de maneira coletiva e, posteriormente, como cada um de nós iria apresentá-lo ao grupo de maneira individual.

Figura 1 – Print de tela de celular. Reunião Virtual do grupo de trabalho da SSSB.



Fonte: Acervo Pessoal da autora.

Neste momento tivemos nossa primeira prática pedagógica. Brandão (2007) aponta que ninguém escapa da educação, todos nós, para saber, fazer e conviver estamos constantemente misturando vida com educação, assim, com essa clareza de consciência, vemos que os processos que compuseram as etapas de construção da SSSB estavam imbricados entre o viver e o aprender.

O papel educativo na construção de uma exposição opera em vários níveis. É comum pensarmos que é somente por meio da mediação cultural direcionada ao público que o educativo opera, contudo, seu papel começa na colaboração com a pesquisa, no desenvolvimento da narrativa curatorial, no apoio aos procedimentos museológicos e expográficos para, por fim, ocorrer no desenvolvimento das atividades de mediações para diferentes públicos (BAUBIER, 2011). Esta experiência, analisada hoje por um viés mais SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.13,n.1,p.28-41,jan/jul. 2023.

amplo, demonstra que naquele momento estávamos tendo um processo de educação informal e digital, duas áreas ainda bem pouco discutidas na esfera da educação formal.

Cascais e Terán (2014) apresentam um compilado de conceitos sobre os tipos de educação e conceituam a educação informal como um processo formativo que ocorre no convívio social, no qual o ensinar e o aprender estão mediados pelas experiências individuais e coletivas entre os diferentes sujeitos. Concordando com esta ideia, Oliveira (2017) apresenta a dialogicidade, um dos temas basilares na obra de Paulo Freire, como meio para o sujeito buscar o conhecimento a partir de suas relações socioculturais – acrescentaria, neste caso, o digital para nosso contexto pandêmico –, de maneira a possibilitar o crescimento do sujeito por meio de uma relação horizontal e de confiança que seria capaz de transformar a realidade por meio do diálogo e do pensamento crítico.

Com estas perspectivas, fica cada vez mais exposto que em tais reuniões de trabalho também se materializavam processos educativos que nos possibilitaram aprender uns com os outros, tendo como conteúdo não somente os teóricos que embasavam a exposição, mas também nossos pontos de vista sobre as leituras, o imaginário vigente e nossas experiências individuais sobre como aqueles conteúdos reverberariam nas obras expostas, ou seja, estávamos experimentando juntos um processo educativo informal que alinhava nossa intenção para um propósito comum.

Em outra frente tínhamos a questão do educativo direcionado ao público e como era uma prerrogativa da exposição que seu conteúdo fosse acessível ao maior número possível, e que tal conteúdo pudesse estar disponível para quem tivesse possibilidade de acessá-lo, sempre tendo em mente as limitações do contexto pandêmico que vivenciávamos até então.

Mediações Digitais: Diálogos Populares entre Artes Visuais e a Sociedade

Com a ampliação e disseminação das mídias digitais, muitas ferramentas de produção e divulgação de conteúdo audiovisual tornaram-se acessíveis para o grande público, fazendo com que tais mídias multiplicassem suas funções e saíssem somente de sua função de origem, como por exemplo o YouTube e Instagram.

Em nosso contexto de pandemia do ano de 2020, vimos as mídias sociais tornarem-se ferramentas essenciais para o desenvolvimento de todos os tipos de conteúdo. No Brasil, as *lives* foram o conteúdo de audiovisual mais dominante na pandemia, tanto no YouTube

SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.13,n.1,p.28-41,jan/jul. 2023.

quanto no Instagram. Esse tipo de conteúdo materializou números na casa dos milhões, sendo, por exemplo, a cantora Marília Mendonça dona da marca de 3,31 milhões de espectadores simultâneos no mês de abril daquele ano (O GLOBO, 2021). Tal mudança de comportamento social fez com que *lives* e gravações de vídeos se tornassem um grande canal de disseminação de informações. Justamente por conta desse conjunto de fatores, optou-se por produzir o conteúdo pedagógico da exposição SSSB via mídias digitais.

O Instagram criado para a divulgação da exposição, conforme vemos na figura 2, foi a ferramenta de edição e divulgação dos vídeos educativos que tínhamos interesse em compartilhar com o público interessado. A estratégia para criar esse conteúdo foi pensada em duas frentes: a primeira tinha intenção de fazer uma introdução teórica sobre temas que ajudariam na compreensão da intenção expositiva; e, em um segundo momento, possibilitar que tais conteúdos ficassem à disposição dos interessados como material didático para aulas da educação formal no nível médio.

Figura 2 – Página do Instagram da Símbolos, Sentidos e Sociedade em Belém.



Fonte: Instagram da SSSB.

Pensando que este conteúdo estaria em uma plataforma digital de caráter informal, tínhamos a intenção de usar uma linguagem direta e com menor quantidade de jargões acadêmicos, sem perder o rigor da qualidade, pois entendíamos que o acesso às mídias sociais estaria cada vez mais amplo, sendo esta mencionada plataforma muitas vezes fonte de informação para os mais diversos conteúdos. Foi assim que a SSSB trouxe os temas a

serem trabalhados nas mediações digitais: Cultura, Economia Criativa, Patrimônio e Criação de Portfólio.

Foi necessária a criação de roteiros para que organizássemos mentalmente o conteúdo, pois, logo em nosso primeiro teste, compreendemos a dificuldade de criar conteúdos interessantes de maneira sucinta. Por conseguinte, desenvolvemos uma prática pedagógica que, naquele momento, compreendemos como “gastar energia”. *Gastar energia* significava realizar uma roda de conversa prévia com nossos convidados, visando, principalmente, duas questões: ficar confortável com a câmera e discutir quais pontos realmente poderiam ser interessantes ao público.

Já a triagem dos tópicos dentro dos temas vinha por meio de 05 perguntas geradoras, nas quais discutíamos com nossos convidados para que eles falassem longamente sobre o tema, possibilitando, assim, perder a tensão inicial da gravação e conseguir que os assuntos coubessem em aproximadamente 60’ de conteúdo, tempo máximo para uma mídia social de consumo rápido como o Instagram.

O primeiro tema a ser mediado foi em torno do conceito de Cultura, percebemos que o conceito de Cultura é um conceito difuso fora da academia, visto que, para grande parte da população local, cultura é compreendida como algo que “vem de fora para dentro”, em nosso caso específico da Europa para Belém. Isto se deve a maior valorização e validação que nossa cidade dá para a cultura europeia oriunda do período da *Belle Époque*², fazendo com que as Outras³ manifestações culturais, que não se enquadram em uma perspectiva clássica, não sejam reconhecidas como cultura, ou ainda que sejam hierarquicamente lidas como menores.

O vídeo seguinte foi sobre Economia Criativa, pois queríamos que as pessoas compreendessem que o conceito de Economia Criativa foi criado por países desenvolvidos para usufruir da vantagem de bens e serviços culturais. Isto possibilita a valorização não só simbólica, mas também monetária de produtos, pois agrega valor a conteúdos materiais e imateriais oriundos da produção local (LEITÃO; MACHADO, 2016).

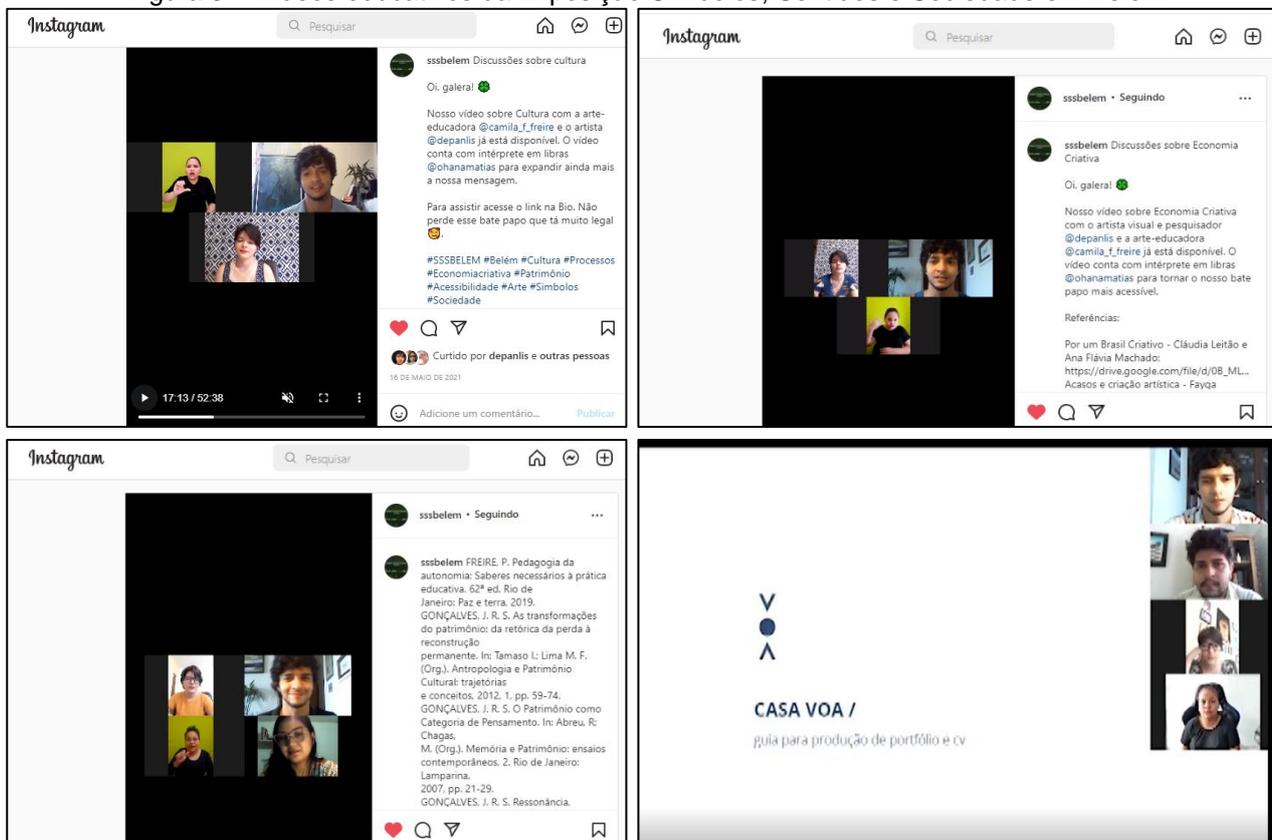
² A *Belle Époque* Paraense teve seu início no século XIX, sendo seu período mais representativo no primeiro Ciclo da Borracha nos anos de 1879 a 1912, o que ostentou a cidade de Belém grande protagonismo econômico que proporcionou intensivas modernizações urbanísticas e arquitetônicas, deixando a cidade conhecida como Paris’n América. (COELHO, 2011).

³ A palavra outros, quando grafada “Outros” com letra maiúscula, refere-se a perspectiva de pensar “Outras pedagogias”, advindas de “Outros sujeitos”, aqueles que se descobriram como sujeito de direitos, e agora propõem práticas pedagógicas advindas da experiência da vida e do cotidiano (ARROYO, 2014). SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.13,n.1,p.28-41,jan/jul. 2023.

Já no vídeo de Patrimônio Cultural, por outro lado, desejávamos pensar sobre como os bens culturais materiais e imateriais relacionavam-se com a sociedade e, acima de tudo, pensar como a sociedade dialogava com tais bens, pois é através deles que são construídas nossas relações de identidade cultural, visto que o patrimônio atua em vários níveis da sociedade e da cultura, desse modo, e torna-se importante ampliar nossa compreensão acerca de um assunto que ainda encontra-se bem restrito ao contexto acadêmico.

Por fim, nossa última mediação foi sobre Criação de Portfólio. Diferente dos outros vídeos, nos quais intencionávamos alcançar todo tipo de público, este tinha a finalidade de ser um conteúdo específico para artistas em início de carreira. A produção educativa da SSSB contou com 04 pesquisadores, Camila Freire, Danilo Pontes, Rayana Silva e André Felipe, estando sempre presente também a intérprete de Libras Ohana Matias, conforme vemos na figura 3.

Figura 3 – Vídeos educativos da Exposição Símbolos, Sentidos e Sociedade em Belém.



Fonte: Página da SSSB.

Ao todo, o processo de educação digital e informal da exposição resultou em 04 vídeos apresentados no Instagram da SSSB, gerando 4 h de conteúdo que proporcionaram mais de 20 autores para embasar os conceitos apresentados, os quais encontram-se divididos por temas na descrição dos vídeos para servir de referências bibliográficas a quem desejar se aprofundar nos temas discutidos. O alcance total das mediações digitais da exposição estão em aproximadamente 1K⁴, tal número é bem modesto se comparado a outros tipos de conteúdos, porém é oportuno lembrar que criar e produzir conteúdos sobre Artes Visuais, Cultura, Patrimônio e Mercado de Artes tendo como local de experiência o Norte do país por si só já se apresenta como um grande desafio, principalmente se levarmos em consideração o contexto pandêmico de 2021.

Considerações Finais

Apresentar o contexto pandêmico de 2020 e seus desdobramentos em 2021, através de uma exposição artística fomentada pela Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc, foi uma experiência significativa se pensarmos na quebra de paradigmas que a pandemia nos exigiu. Analisar conceitos e discutir mediação cultural pelo viés da Educação Informal e Digital é uma oportunidade para ampliarmos nosso entendimento sobre os tipos de processos de aprendizagem e como estes estarão cada vez mais presentes em nossa sociedade.

O Instagram modificou sua ideia de origem e hoje possibilita a divulgação de inúmeras informações através de conteúdos curtos e pontuais, tornando-se imperativo analisar como tais informações devem ser submetidas a análise e mediadas quanto a sua possibilidade de tornarem-se, ou não, conhecimentos. Este trabalho utilizou a ferramenta digital para trazer referências teóricas e experiências voltadas ao debate com as Artes Visuais de maneira simplificada e acessível ao público, discutidas por um viés local, advindo de experiências outras, feitas por pessoas que trabalham e vivem das Artes Visuais em suas diferentes formas, de maneira a disseminar um conteúdo educativo que não tinha a intenção apenas de informar, mas sim de trazer conhecimento teórico para diferentes públicos.

⁴ A letra K é usada para contar a somatória de 1000 visualizações em postagens do Instagram. SCIAS.Arte/Educação,BeloHorizonte,v.13,n.1,p.28-41,jan/jul. 2023.

Tal intenção por si só tem seu valor intrínseco, visto que os resultados aqui apresentados têm como principal interesse ampliar as perspectivas em torno da educação em Artes Visuais, saindo da escola, mas não necessariamente entrando no museu pelo viés da mediação cultural tradicional, desse modo, entendo a Educação e as Artes Visuais como formadoras da sociedade e com elas compreendemos que quanto maior o número de pluralidades voltadas para a arte/educação, maiores serão as possibilidades de promover novas mobilizações e reestruturações em nossa sociedade, tornar mais palpável outros futuros possíveis.

Referências

ARROYO, M. G. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BAUBIER, A. S. M. A. *O Museu e a Diversidade Cultural na Amazônia: Estudo do brinquedo indígena como objeto educativo em Museus de Manaus*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

BENJAMIN, W. *Escola de Frankfurt – Experiência e Pobreza*. 1933. Disponível em: <https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2022.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação* [online], Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-8, Jan-Abr, 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 05 nov. 2022.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 2007. (Col. Primeiros Passos).

CASCAIS, M. G. A.; TERÁN, A. F. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. *Ciência em Tela*, v. 7, n. 2, 2014. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0702enf.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

COELHO, G. M. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. *Revista Escritos*, Rio de Janeiro, Ano 5, n. 5. 2011. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/artigo08.php>. Acesso em: 23 nov. 2020.

FIOCRUZ. Em vez da idade, classe social passa a definir quem morre de covid no país. *Informe ENSP*, 12 maio 2020. Disponível em: <http://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/48894#:~:text=O%20mais%20recente%20mapa%20divulgado,et%C3%A1rias%20acima%20de%2060%20anos>. Acesso em: 20 nov. 2022.

G1. Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta. *G1*, 2020a. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2022.

G1. Qual é a origem do novo coronavírus? *G1*, 2020b. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/02/27/qual-e-a-origem-do-novo-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2022.

LEITÃO, C.; MACHADO, A. F. *Por um Brasil criativo: significados, desafios e perspectivas da economia criativa brasileira*. BDMG Cultural, 2016.

LEVY, P.; LAUTHIER, M. *As árvores de conhecimentos*. São Paulo: Escuta, 1995. 188 p.

MOREIRA, A.; PINHEIRO, L. OMS declara pandemia de coronavírus. *G1*, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 19 nov. 2022.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. OMS: mundo pode ter tido 1,2 milhão a mais de mortes por COVID-19 em 2020. *Nações Unidas Brasil*, 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/127361-oms-mundo-pode-ter-tido-12-milhao-mais-de-mortes-por-covid-19-em-2020>. Acesso em: 01 nov. 2022.

O GLOBO. Marília Mendonça em números: live recordista, 14 bilhões de cliques no YouTube e mais. *O Globo*, 06 nov. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/marilia-mendonca-em-numeros-live-recordista-14-bilhoes-de-cliques-no-youtube-mais-25266765#:~:text=Um%20dos%20mais%20impressionantes%20veio,acumulam%2014%20bilh%C3%B5es%20de%20visualiza%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 11 nov. 2022.

OLIVEIRA, I. A. A dialogicidade na educação de Paulo Freire e na prática do ensino de filosofia com crianças. *Movimento-Revista de Educação*, Niterói, ano 4, n. 7, p. 228-253, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2ad8/70fd2b33d8021b7922645367416f2c4d1b61.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2022.

SENECHAL, A. Coronavírus: estudo diz que 50% dos brasileiros estão em isolamento social. *Veja*, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/coronavirus-estudo-diz-que-50-dos-brasileiros-estao-em-isolamento-social/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SIQUEIRA, T. No Pará, mais três segmentos culturais são contemplados pela Lei Aldir Blanc. *Secult*, 04 dez. 2020. Disponível em: <https://secult.pa.gov.br/noticia/1287/no-para-mais-tres-segmentos-culturais-sao-contemplados-pela-lei-aldir-blanc>. Acesso em: 21 nov. 2021.